

Entrevista

Dr. Luiz Fernando Ferraz da Silva

Participação no Departamento Científico na Década de 90



RM: Por que o Sr. decidiu cursar medicina? As expectativas do senhor foram atendidas?

LF: Meu motivo foi um tanto pessoal. Na infância sofria de um grave quadro de intolerância à lactose que demorou bastante para ser adequadamente diagnosticado. Foram vários médicos, diversas endoscopias até que fui levado pelos meus pais em um pediatra, formado aqui pela casa e hoje professor da FCM de Santos, chamado Jaime Murahovschi, que finalmente fez o diagnóstico e me colocou num regime bastante restritivo por cerca de um ano. Todo o tratamento e regimes valeram a pena, e algum tempo depois pude voltar a comer de tudo. Este episódio fez bastante diferença na minha vida e depois, ao crescer um pouco, achei que seria legal ter este tipo de participação e importância na vida das pessoas.

Minhas expectativas foram muito bem atendidas, na verdade de uma forma diferente. Ao entrar na faculdade e conhecer suas diversas vertentes, desenvolvi um grande apreço pela vida acadêmica. É interessante, embora não tenha sido a vida acadêmica que tenha me motivado a entrar aqui, ela é que me mantém muito motivado a permanecer!

RM: Como era a grade curricular da FMUSP da sua época?

LF: A partir de 1974, com a unificação dos currículos tradicional e experimental (vigentes a partir de meados da década de 60) o currículo teve pequenas variações estruturais até 1998, quando iniciou-se o currículo nuclear. Minha turma (85) foi a última deste currículo unificado. A principal diferença em relação

ao currículo de hoje é que não havia as atuais “áreas verdes” nem o conceito de disciplinas optativas. Isso tinha uma implicação clara: qualquer atividade extra-curricular tinha que ser desenvolvida fora dos períodos de aula, restando então as noites e horários de almoço – que eram bem cheios!

RM: Qual tradição da FMUSP foi mais memorável?

LF: Tradição é algo interessante! É classicamente definida como “a transmissão de doutrinas, de lendas, de costumes etc.”. A Faculdade está cheia delas. Mas sempre acreditei que qualquer instituição é feita e mantida pelas Pessoas mais do que pelas Histórias. Talvez por este motivo tenha sido muito mais marcado por pessoas do que por tradições na Faculdade. Posso citar imediatamente diversas pessoas que me marcaram durante este período, os Professores Cesar Timo-laria, Carlos Corbett, Paulo Saldiva, Carlos Lacaz e diversos outros... já tradições específicas, é um pouco mais difícil. Se precisar escolher uma que mais marcou, acho que ficaria com a homenagem anual feita ao Dr. Analdo Vieira de Carvalho. Ela sempre foi tocante pra mim, talvez justamente por representar o que acredito, que a Faculdade é antes de tudo feita de pessoas.

RM: Havia muitas extensões para participar? De quais o Sr. participou?

LF: Nesta época havia basicamente as ligas, iniciação científica, o DC, a Atlética, o CAOC e o Show – pensando em atividades extra curriculares como um todo. Na época em que estava na faculdade a

Possui graduação em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2002), residência em Anatomia Patológica concluída em 2006 e Doutorado em Patologia concluído em 2010 na FMUSP. Exerce atividades de ensino, pesquisa e extensão na FMUSP.

Bandeira Científica foi reativada e dois anos depois surgiu o EMA. Fiz várias atividades extra curriculares entre elas: Liga de UTI, Medicina de Família e Neurocirurgia; Iniciação científica do 2º ao 5º ano da Faculdade, DC e a Bandeira (até o 5º ano e para a qual voltaria logo depois no R1).

RM: O que levou o Sr. a participar da diretoria do DC?

LF: Das instituições da Faculdade é a que eu mais me identificava. Já tinha nessa época um desejo de entrar na vida acadêmica e me tornar professor. Vi o DC como uma experiência interessante que me permitiria aprender e desenvolver habilidades em diversas facetas da vida acadêmica como a organização de cursos e eventos.

RM: Como funcionava o DC daquela época? Quais eram as funções do Departamento?

LF: O DC tinha como principais funções organizar cursos, promover e realizar o Congresso Médico Universitário (COMU), gerenciar as ligas acadêmicas e editar a Revista de Medicina. Na retomada da Bandeira em 1998, ela estava vinculada diretamente ao DC.

O DC era composto por uma diretoria que tinha os três cargos principais como hoje, o Presidente, o Vice-Presidente (que também era o presidente do COMU) e o Tesoureiro (que também era o presidente do Prêmio Oswaldo Cruz - POC). Os demais membros se dividiam em diversas “diretorias” – Revista, Cursos, Extensão e Informática.

RM: Qual era o relacionamento CAOC/DC da época? O Sr. poderia comentar sobre a cisão dos desses departamentos?

LF: Havia nesta época um claro distanciamento do DC em relação ao CAOC, basicamente por aspectos ideológicos (nesta época, na minha opinião – que era semelhante a de diversas pessoas do DC – o CAOC priorizava seus esforços para atividades externas e sua participação em eventos / fóruns com outras instituições dando relativamente pouca atenção às grandes necessidades internas e demandas dos próprios alunos da FMUSP, me dava a impressão de querer “arrumar o jardim antes de arrumar a casa”). Desta forma acabou havendo um distanciamento natural e uma conduta de um grupo não interferir nas atividades e concepção do outro. Acabou funcionando e percebo que com o tempo estes

aspectos ideológicos (ao menos ao que me parece como observador externo) vêm alcançando algum grau de convergência.

RM: Como foi a evolução da RevMed naquela década? Houve algum momento de dificuldade?

LF: Tivemos sim alguns momentos de dificuldade, sendo a principal delas a busca de recursos para a impressão das revistas. Conseguimos manter o cronograma, mas a busca de verbas era incessante a ainda não havia o conceito de revista digital ou do uso de PDFs. NA minha época de DC, a diretoria da Revista era particularmente caprichosa, se esmerando na composição das capas, busca de artigos, etc. Tenho uma impressão muito positiva dessa época. Foram feitas inclusive várias tentativas para indexação no SciELO, e conseguimos atender várias das exigências como regularidade de publicação, formatação, atividade do corpo editorial, etc. Acabei não acompanhando os desdobramentos deste processo em particular após minha saída do DC no 5º ano.

RM: As expectativas ao entrar no DC foram atendidas? O Sr. teria feito alguma coisa diferente naquela diretoria caso fosse possível voltar no tempo?

LF: As expectativas certamente foram atendidas. Neste período aprendi muito e tive muitas oportunidades de conhecer pessoas diferentes, trabalhar realmente em equipe. Organizar o COMU foi particularmente enriquecedor, agregando grande experiência administrativa que me tem sido muito útil desde então.

Se eu teria feito alguma coisa diferente? Certamente! Assim como se pensar daqui há 30 anos se hoje eu teria feito algo diferente na graduação ou em pesquisa a resposta será afirmativa. Sempre gostaríamos de ser adolescentes com a cabeça de idosos. Isso tem muito a ver com a maturidade. Hoje talvez eu tivesse feito algumas coisas diferentes dando mais valor e demonstrando mais cuidado por algumas coisas e menos por outras, mas falo isso em termos gerais, não específicos. Agora, a reflexão que cabe é: talvez justamente por eu ter feito como fiz, hoje posso refletir e julgar que teria feito diferente. Talvez ousado mais em algumas coisas.

RM: Quais os aprendizados principais obtidos ao participar dessa extensão? Quais os aprendizados

adicionais por ter sido um presidente do COMU?

LF: Basicamente o que respondi sobre as expectativas na questão anterior - Neste período aprendi muito e tive muitas oportunidades de conhecer pessoas diferentes, trabalhar realmente em equipe. Organizar o COMU foi particularmente enriquecedor, agregando grande experiência administrativa que me tem sido muito útil desde então.

RM: A situação política do Brasil naquela década influenciou de maneira importante o Departamento Científico? Como?

LF: Felizmente, nesta época, a conjuntura política nacional era de bastante tranquilidade. Vivenciávamos uma boa fase de estabilidade econômica, com algumas crises, mas nada como na época da hiperinflação. Além disso, já tínhamos uma democracia que embora jovem, estava consideravelmente estável, de forma que a conjuntura não influenciou de forma importante as atividades e ideologias do DC.

RM: Quais valores do DC e da RevMed o Sr. acha que os membros devem preservar ao longo das gestões?

LF: Acho que o espírito do trabalho em equipe e a valorização dos diferentes aspectos acadêmicos – pesquisa, ensino e extensão são os grandes méritos. Se isso for tomado a sério e feito de maneira competente com o espírito de equipe e amizade, o DC refletirá em suas atividades a FMUSP como um todo, dando ao aluno uma boa idéia dos diferentes aspectos envolvidos na vida acadêmica de uma instituição como a nossa.

RM: A participação no DC influenciou de alguma forma a decisão em cursar Patologia como especialidade?

LF: A passagem pelo DC me permitiu conhecer a estrutura da FMUSP, os professores e os departamentos de forma mais aprofundada do que é possível se fazer apenas assistindo aulas regulares

da graduação. Quando fui definir minha especialidade levei diversos aspectos em conta, o principal deles, o que eu gostava e não gostava em termos de áreas de atuação médica, mas além disso, já sabendo que enveredaria pela vida acadêmica, pude observar com detalhes as diversas oportunidades e possibilidades nas diferentes áreas, então, de forma prática, ter passado pelo DC ajudou na minha decisão, embora possa não ter influenciado diretamente.

RM: Para os alunos que estão iniciando agora a vida acadêmica, quais sugestões você daria?

LF: Resumiria todas as minhas sugestões em uma única - **Aproveitem a Faculdade e a Universidade por tudo o que ela significa e contém.** Quando digo isso me refiro às atividades curriculares e extra curriculares. A vida universitária é um momento mágico da formação onde podemos, de forma simples e acessível – nos expor às mais diferentes experiências e conhecimentos. Não importa o que você mais goste ou a área que prefira. É importante VIVER a Faculdade não apenas ESTUDAR na Faculdade. Aulas e cursos regulares são importantes para a formação técnica, mas esta Universidade preza por uma formação integral e acreditem, isto faz diferença no futuro. Aproveitem para criar uma rede de relações sociais, ter experiências administrativas, conhecer outros temas e outras áreas (se eu tivesse áreas verdes e optativas, certamente faria uma optativa de astronomia ou de história antiga que são temas que me fascinam), enfim, não importa o que você goste, busque e tenha novas experiências. Este é um momento único porque depois o tempo será escasso já que o trabalho e a rotina profissional sugarão grande parte do tempo e as responsabilidades profissionais e pessoais aumentarão muito. Isto será importante não apenas pelo conhecimento claro que trazem, mas pelos conceitos implícitos como: relacionamento interpessoal com indivíduos que acreditam e pensam de forma diferente; organização do tempo; priorização de atividades; aprender a dizer não; enfim, uma série de coisas que aparentemente podem ter pouco a ver com Medicina como conhecimento biológico, mas que na prática farão grande diferença no tipo de profissional que cada um será.